



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

DEPARTAMENTO DE LETRAS

ORLEANNE SANTANA COUTO

UM ENCONTRO COM CABO VERDE NA *ESQUINA DO TEMPO*

ITABAIANA

2018

ORLEANNE SANTANA COUTO

UM ENCONTRO COM CABO VERDE NA *ESQUINA DO TEMPO*

Monografia apresentada ao curso de Letras como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Graduada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Christina Bielinski Ramalho

ITABAIANA

2018

ORLEANNE SANTANA COUTO

UM ENCONTRO COM CABO VERDE NA *ESQUINA DO TEMPO*

Monografia apresentada ao curso de Letras como parte dos requisitos necessários a obtenção do título de Graduação

APROVADA EM: ____/____/____

MsC ÉVERTON DE JESUS SANTOS – Universidade Federal de Sergipe

Prof.^a. Dr^a CHRISTINA BIELINSKI RAMALHO - Universidade Federal de Sergipe

Dedico este trabalho à minha família, que tanto me encorajou a percorrer novos caminhos e acreditar nos meus sonhos. E aos meus alunos, que também foram de fundamental importância nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A esta Universidade e todo o corpo docente pela acolhida e pela preocupação em nos fazer profissionais capacitados, mas acima de tudo, humanos.

À professora Christina Ramalho, por me conceder a oportunidade de conhecer Cabo Verde e, mais do que conhecer, estudar sua literatura.

Às minhas amigas de classe Jane e Fernanda que sempre me apoiaram e estiveram comigo quando precisei. Esta caminhada não seria tão maravilhosa se não estivesse com vocês.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a obra *Esquina do Tempo Crônicas do Expresso das Ilhas*, escrita por Manuel de Brito-Semedo, autor e antropólogo cabo-verdiano, que através de suas crônicas revela as miudezas da cultura de Cabo Verde.

Esta pesquisa tem caráter exploratório e buscará a aquisição de familiaridade aos fatores que circundam a sociedade cabo-verdiana por isso tem como finalidade proporcionar mais informações sobre a cabo-verdianidade.

A abordagem utilizada foi quantitativa, sendo assim além do estudo da obra por meio de comentários interpretativos utilizamos como fonte de pesquisa o próprio autor, Brito-Semedo, por meio de uma entrevista.

Desta forma o objetivo principal desta abordagem foi reconhecer nas crônicas de Brito-Semedo as marcas culturais recolhidas da vivência do cotidiano das ilhas. E além disso, Conhecer e estudar a cultura de Cabo Verde, estabelecendo relações entre Cabo Verde e Brasil no que diz respeito não só aos aspectos históricos mas também ao aspecto literário e ainda analisar a construção literária do cronista Manuel de Brito-Semedo. As análises realizadas tiveram como suporte teórico Gomes, Bender, Laurito, Pereira e Traquina.

Palavras-Chave: Crônica cabo-verdiana; Cultura cabo-verdiana; Manuel Brito-Semedo

ABSTRACT

The present work has as object of study and work Chronology of Time Chronicles of the Islands Express, written by Manuel de Brito-Semedo, Cape Verdean author and anthropologist, who through his chronicles reveals how offal of Cape Verdean culture.

This research has an exploratory character and seeks an acquisition of familiarity with factors that surround a Cape Verdean society, so it has the purpose of providing information about Cape Verdeanity.

An approach used for quantitative, thus being a work study through interpretative comments used as a research source in its author, Brito-Semedo, through an interview.

In this way the main objective of this approach is to recognize in Brito-Semedo's chronicles as cultural marks collected from the daily life of the islands. And also, To know and to study the culture of Cape Verde, to chain relations between Cape Verde and Brazil with respect not only to many aspects but also to the literary aspect and also to analyze the literary construction of the chronicler Manuel de Brito-Semedo. As analyzes carried out have as theoretical support Gomes, Bender, Laurito, Pereira and Traquina.

Key words: Chronic Cape Verdean: Cape Verdean culture; Manuel Brito-Semedo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. CABO VERDE	-----3
1.1 A literatura em Cabo Verde	----- 9
2. SOBRE O AUTOR E SUA OBRA	-----16
2.1. Biografia	-----16
2.2 Entrevista	-----17
2.3 Jornal Expresso das Ilhas	----- 19
2.4 A obra	-----20
3. O GÊNERO CRÔNICA	----- 23
4. UM ENCONTRO COM CABO VERDE NA <i>ESQUINA DO TEMPO</i>	----- 28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	----- 34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	-----35

INTRODUÇÃO

“ Uma vez que o cotidiano pode ser encarado como fio condutor do conhecimento de uma sociedade, neste sentido ele dá-nos conta de múltiplos elementos que constituem a trama dessa realidade social, porque nele estão presentes todos os aspectos mais evidentes e significantes, como elementos indispensáveis para que a mesma seja compreendida nas suas diversas vertentes” (LOPES,p.12 ,1995)

É a partir deste pensamento de que o cotidiano apresenta os aspectos mais evidentes e significantes da sociedade que estudaremos alguns elementos da cultura cabo-verdiana presentes na obra *Esquina do Tempo* de Manuel Brito-Semedo. A obra contém crônicas sobre acontecimentos comuns daquela terra e comentários sobre personalidades locais. Sua perspectiva quanto à cabo-verdianidade é sempre positiva, despertando em nós encantamento e curiosidade .

Com caráter exploratório, nossa pesquisa trará observações a respeito de Cabo Verde e além disso destacaremos as afinidades entre Brasil e Cabo Verde, que segundo, Simone Caputo Gomes estão, inclusive, nas raízes da construção de uma literatura própria em Cabo Verde.

Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores claridosos – em processo de emergência da consciência cultural e nacional [...] evidenciaram a sua determinação em refletir-se em (e por meio de) outros espelhos, mais próximos, porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado (GOMES, 2008, p.112).

A presença da Literatura Brasileira na formação do sistema literário cabo-verdiano foi de fundamental importância, já que abriu caminhos por demonstrar constituir uma tradição a partir de temas e linguagem próprios. Enfatize-se que essa influência permeou mas não sufocou a singularidade da literatura cabo-verdiana, pois seus autores construíram, a partir do diálogo com textos e autores do Brasil, expressões literárias que exprimiam essa singularidade. Por isso destacaremos algumas colocações de Antônio Cândido no que se refere ao gênero crônica, além de Cândido nos basearemos em outros autores como Christina Ramalho e Danny Spínola. O capítulo dois encarrega-se de explanar a biografia, bibliografia e todos os elementos que circundam a obra *Na Esquina do Tempo* como o jornal *Expresso das ilhas* onde foram publicadas separadamente as crônicas.

No segundo capítulo ainda trazemos, no intuito de enriquecer a pesquisa, a fala do autor da obra por meio de uma entrevista, o que caracteriza esta pesquisa como uma abordagem quantitativa, além do fato de desenvolvermos comentários interpretativos para a exploração do tema.

No capítulo que se segue, o capítulo três, falaremos a respeito do gênero crônica, sua estrutura e intenção, além do hibridismo que a envolve. Já no último capítulo faremos alguns comentários a respeito da obra, especificamente de quatro crônicas, delineando a estrutura que se repete e destacando a cabo-verdianidade como um elemento propulsor da obra.

O trabalho está dividido em quatro capítulos sendo o primeiro destinado as falas sobre Cabo Verde no intuito de trazer um panorama de toda a constituição do país, seja geográfica, econômica ou literariamente.

Destacaremos ainda a importância de se conhecerem, estudarem e homenagearem grandes autores em vida, neste caso o grande Brito Semedo que consegue, através de suas obras, revelar a realidade do povo por meio do registro sensível de situações cotidianas, fazendo-nos perceber mais do que o exterior, o âmago daquele povo, seus sentimentos e perturbações.

1. CABO VERDE

Cabo Verde é a terra da simpatia, do calor humano, da alegria, da diversidade, da gastronomia e das belezas naturais. O povo cabo-verdiano tem essa convicção, e sua autoestima revela que seus habitantes sabem de sua beleza e pluralidade.

Formado por 10 ilhas, nove habitadas, Cabo Verde¹ está dividido em dois grupos regionais, Barlavento e Sotavento, que consistem em 23 concelhos e 31 freguesias. Santiago, onde se encontra a capital do país, a Cidade da Praia, é a maior ilha do arquipélago. Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Santa Luzia (desabitada), Sal, Boa Vista, Maio, Fogo e Brava são as demais ilhas que integram o arquipélago de Cabo Verde. As ilhas de Cabo Verde foram descobertas no século XV por navegadores portugueses e, pelo que se sabe, seu povoamento aconteceu a partir da “descoberta”. O povoamento teve início em 1462, na ilha de Santiago. António da Noli foi o primeiro capitão donatário. Na ocasião, Ribeira Grande, hoje Cidade Velha, tornou-se a mais antiga cidade europeia fundada em região tropical.

A partir daí as ilhas serviram de parada comercial para os navegantes portugueses no Oceano Atlântico. Um fato histórico de grande relevância é que a ilha de Santo Antão serviu como ponto de referência para a demarcação do Tratado de Tordesilhas firmado em 1494.

A prosperidade da ilha de Santiago, especificamente a cidade da Ribeira Grande chamou a atenção, por isso logo fora atacada por piratas e, alguns anos depois, por ingleses. Em 1712 os franceses também atacaram a capital e decidiu-se, então, transferir a capital para a Cidade da Praia.

A partir de 1869, depois da abertura do Canal de Suez, o movimento nos portos de Cabo Verde foi suprimido. Assim, alguns anos depois, o tráfico de escravos foi abandonado.

As ilhas alcançaram a Independência de Portugal especificamente na data de 5 de julho de 1975, depois de embates políticos enfrentados pelo Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), criado por Amílcar Cabral, em 1956, em Bissau. Não foi de forma pacífica que isto aconteceu, houve conflitos armados no ano de 1963.

Somente em 1991, após eleições pluripartidárias, foi instituída uma democracia parlamentar, depois de 15 anos de regime de partido único, com cunho socializante. Conforme a atual Constituição, Cabo Verde é um Estado de direito democrático, em que os direitos dos cidadãos são respeitados. A cidade da Praia continua sendo a capital do país, possuindo poder local organizado em câmaras e assembleias municipais.

¹ Todas as informações sobre Cabo Verde resultam de consultas ao livro *Cabo Verde: Retalhos do Quotidiano*, de João Lopes Filho.

O Arquipélago, que tem origem vulcânica, caracteriza-se pelo solo com montanhas escarpadas, coberto de cinzas. Possui um vulcão ativo que dá origem à ilha chamada Fogo. O clima é quente e seco com médias anuais de 20°/25° C e sempre, no início do ano, sofre com a ação das tempestades de areia oriundas do Saara. Como a vegetação é rara, as ilhas de Cabo Verde têm poucos recursos e são afetadas pela seca. Assim, ao longo dos séculos, houve diversos estragos à agricultura tanto por falta de água quanto pela poeira trazida do Saara.

As dificuldades com a água permeiam toda a história das ilhas. Desde o século XVI ou não havia água ou sua escassez era tamanha em boa parte das ilhas. Nas ilhas maiores, como Santiago, Santo Antão e Brava, se veem poucos ribeiros ou riachos, que secam à medida que a terra carece de chuva. As chuvas nas ilhas são irregulares e violentas e há períodos em que são raras ou simplesmente não ocorrem. Desta forma o comentário de Ramalho na obra “*A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica*” se faz muito pertinente quando observa a relação entre a seca e a agricultura, afirmando que: “A sobredeterminação da seca sofrida por Cabo Verde justaposta à necessidade de ser agrícola define uma condição identitária cabo-verdiana ao menos paradoxal” (2015, p. 180).

Os brasileiros que chegavam às ilhas não estranhavam tanto, já que como boa parte da tripulação dos navios mercantes era de nordestinos e estes já estavam acostumados com a seca do sertão. O que tiveram como novidade foram as belíssimas mornas, o uso da rabeca e o cavaquinho para tocá-la, o que denuncia influências recíprocas entre o Brasil e as ilhas.

A moeda cabo-verdiana, o escudo, está indexada ao euro, valendo um euro 110 CVE. Em comparação com o real, um real equivale a 30 CVE. A economia cabo-verdiana desenvolveu-se significativamente nos últimos 15 anos, e o país tende a integrar plenamente o grupo dos Países de Desenvolvimento Médio, PDM. Chamamos a atenção para o que evidencia Ramalho a respeito da migração e seu efeito na economia:

Em relação à economia do país, que também incide diretamente para a feição antropológica do país, cabe lembrar que grandes ciclos de seca e fome (um deles, muito relevante, começou em 1968) provocaram migrações da população rural para os centros urbanos e para o exterior. Cabo Verde, com um contingente muito grande de emigrados (que forma a diáspora cabo-verdiana), passou a contar com a remessa de dinheiro por parte desses emigrantes. Assim, a diáspora se fez outro marco da identidade cabo-verdiana. (2015, p. 174)

O turismo tornou-se nos últimos 15 anos uma das principais atividades econômicas do arquipélago. As principais ilhas turísticas são Sal e Boa Vista, e a insularidade é elemento constituinte da identidade e sobrevivência do cabo-verdiano:

De outro lado, também ao mar se adere a pesca, como elemento de integração entre o humano e o natural. Por meio da pesca, o povo cabo-verdiano realiza sua luta cotidiana pela sobrevivência, extraindo do mesmo mar que parece aprisioná-lo a esperança de vida. (RAMALHO, 2015, 183-4)

A cana foi um dos primeiros cultivos a acontecer nas ilhas e pouco a pouco foi ocupando grande parte das áreas que eram irrigadas, adaptando-se bem em praticamente todas as ilhas do arquipélago. O açúcar produzido nas ilhas era destinado não só para o consumo local mas exportado, mesmo em pequena escala. Além da fabricação do açúcar e do mel a partir da cana-de-açúcar, fabrica-se também o grogue, que é consumido por doses ou numa combinação chamada ponche, que é feita a partir da junção do grogue com mel, rodela de limão e canela.

O povo cabo-verdiano descende de antigos escravos africanos e dos seus colonizadores portugueses. A população residente no arquipélago está estimada em mais de 500.000 mil pessoas. Grande parte dos cabo-verdianos é emigrante no estrangeiro. A mestiçagem do povo cabo-verdiano é assim explicada por Gabriel Mariano em *“Cultura caboverdeana: ensaios”*:

Parece-me ter havido em Cabo Verde um certo desvio naquilo que o português realizou nas áfricas. Melhor dizendo, um certo desvio na posição e na situação do homem português perante a direção dos fenómenos que foram surgindo nas suas vicissitudes de contacto com os povos afro-negros. No Brasil, por exemplo, nota-se que ao branco coube sempre a função de líder, de mestre na evolução da sociedade brasileira. Em Angola, Moçambique, Guiné ou S. Tomé e Príncipe, coube ao português o poder de comandar o fluir e o refluir dos acontecimentos locais. Em Cabo Verde o problema parece-me de certo modo diverso, pois aí o mulato adquiriu desde cedo grande liberdade de movimentos e teria sido ele, o mulato, quem realizou em Cabo Verde o papel que o português reinol desempenhou no Brasil. Isto é: ter-se-ia transferido para o mulato a condição de mestre, de líder na estruturação da sociedade caboverdeana. Ou por outras palavras: a capacidade de assimilação do exótico e de recriação de formas novas de cultura que se aponta como faceta dominante da experiência africana do português parece ter-se transferido, em Cabo Verde, para o mulato, para o mestiço. Teria sido este quem se encarregou de receber e recriar elementos da civilização europeia. E teria sido o funcho, e não o sobrado, o laboratório exacto onde se processou a síntese de culturas, e a apropriação pelo negro e pelo mulato de elementos e expressões civilizacionais portuguesas. A cultura fez-se de baixo para cima. Não se fez da Casa Grande para a senzala como sugere G. Freyre (1991, p. 53).

Também é importante observar os registos de Dulce Pereira acerca da língua cabo-verdiana, o crioulo.

Os crioulos são línguas naturais, de formação rápida, criadas pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngues relativamente estáveis. Procurando superar a

pouca funcionalidade das suas línguas maternas, estes recorrem ao modelo imposto (mas pouco acessível) da língua socialmente dominante e ao seu saber linguístico para constituir uma forma de linguagem veicular simples, de uso restrito mas eficaz, o *pidgin*, que posteriormente é gramaticalmente complexificada e lexicalmente expandida, em particular pelas novas gerações de crianças que a adquirem como língua materna, dando origem ao crioulo. Chamam-se de *base portuguesa* os crioulos cujo léxico é, na sua maioria, de origem portuguesa. No entanto, do ponto de vista gramatical, os crioulos são línguas diferenciadas e autónomas. Sendo a língua-base aquela que dá o léxico, podemos encontrar crioulos de diferentes bases: de base inglesa (como o Krio da Serra Leoa), de base francesa (como o crioulo das Seychelles), de base árabe (como o Kinubi do Uganda e do Quênia) ou outra (PEREIRA, 1992, 120)

A língua oficial é o português, usado nas escolas, administrações e nas publicações, porém a língua nacional, utilizada pela generalidade da população no dia a dia, é o crioulo cabo-verdiano, cuja oficialização está em curso. O *kriolu* de Cabo Verde ou *kauberdianu* é língua materna de todos os cabo-verdianos. Criou-se inicialmente em Santiago e no Fogo, nas primeiras ilhas povoadas e colonizadas, e tem duas variantes principais: a de Barlavento e a de Sotavento. O crioulo de Cabo Verde tem base portuguesa e é classificado como da Alta Guiné, bem como o da Guiné-Bissau e de Casamansa, no Senegal são os crioulos de base portuguesa mais antigos e conseguem manter grande vitalidade, apesar de línguas não oficiais, embora nacionais.

Na religião, há um sincretismo decorrente da religião introduzida pelos europeus com as crenças africanas, desta forma alguns eventos, como Festejos dos Santos Populares, Romaria da Senhora da Cintinha, Natal, Passagem de ano e Reis, fazem parte dos costumes locais.

Costumes interessantes rodeiam as gestantes cabo-verdianas. Durante este período elas continuam seu trabalho transportando pesos sobre a cabeça, pilam e moem milho, além de fazer trabalhos domésticos. Usam roupas largas para que a criança se desenvolva bem, não consomem bebidas fermentadas, nem abusam do sal, até aqui tudo nos parece muito comum até identificarmos que as gestantes também não tomam café e são proibidas de comerem ovo, pois a crença é de que comer ovo faz com que a criança nasça com a cabeça avantajada, tornando a hora do parto difícil. Além disso, não devem usar roupas de luto, ou ir a funerais. Quando acontecem complicações como o eclampsia, acreditam que foram espíritos malignos os responsáveis. A grávida também não pode apadrinhar nenhuma criança, pois acredita-se que, se isso acontece, uma das crianças morre. É claro que muitas mulheres já abandonaram esses costumes importando comportamentos universais.

Dos alimentos indígenas destaca-se a mandioca, que, depois de ser agregada à dieta brasileira, se estendeu à África e hoje é cultivada em grande parte do território. A mandioca em Cabo Verde é cultivada de duas formas ; em sequeiro e em regadio. Em sequeiro é necessário um maior período de tempo para que haja uma boa produção, geralmente de dois a três anos, já na forma de regadio são necessários em média sete meses para a colheita. As principais ilhas produtoras deste tubérculo são as ilhas de Santiago, Santo Antão e São Nicolau. A fabricação da farinha difere a depender de cada região. Isso se dá em face das condições geográficas de cada localidade.

Bem como no Brasil, o consumo da mandioca se dá através da farinha para o preparo de pirão, frita acompanhando linguiça, carne assada e peixe frito. Porém, comem-na também em seco com leite, café e mel.

Ainda no âmbito de cultivo e produção, podemos falar a respeito da fabricação do óleo e do sabão de purgueira. O óleo servia de combustível para a iluminação e usado em gotas como remédio contra dores abdominais ou de ouvido. Era recomendado ainda para entorses e outras dores no corpo, e também como um eficiente laxativo.

No quesito hereditariedade, podemos citar as festas de carnaval tão comuns nas ilhas, e que se caracterizam por um desfile de carros alegóricos, marchas, música e dança, e integram muitos dos elementos que fazem parte da cultura e da história da ilha. A música é um elemento primordial, bem como os trajes, o canto e a dança.

Em Cabo-verde há dois tipos de carnaval, e os dois ocorrem simultaneamente na ilha de São Vicente: um tradicional – o carnaval dos blocos – que é imaginado pelas pessoas da cidade, as quais recorrem aos artistas suburbanos para a sua concessão e execução. A cada ano a festa, segundo alguns críticos, transforma-se mais em desfile que esbanja luxo do que necessariamente cultura e diversão, perdendo o sentido da festa. Até meados do século passado, todas as pessoas participavam. Mascaravam-se e se misturavam à festa com grande euforia. Depois, lentamente, o carnaval do Mindelo foi-se hierarquizando, em função das classes sociais dos seus participantes.

O segundo vem do povo, cujo único objetivo é a diversão e a paródia. É constituído por personagens individuais, sem um figurino único que percorrem a cidade cantando e dançando. São três dias em que toda a cidade vive um ritmo extasiante e em que todos participam. Os preparativos começam muito antes , já que os figurinos e também os carros alegóricos são de fundamental importância nessa festa.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, em 2014, a população de Cabo Verde era de 518.467 habitantes. Considerando o número de habitantes, os dados mostram que o número de médicos por habitante era de 7 para 10.000 e de enfermeiros 12,6 enfermeiros para cada 10.000 habitantes. A respeito dos leitos hospitalares, a pesquisa mostra que existem 525 camas nos hospitais centrais, sendo assim 10,1 camas por cada 10.000 habitantes. Em 2014, ainda com base nos dados cedidos pelo INE, o número de internamentos nos hospitais centrais foi de 18.111 , 5.945 doentes internados no Hospital Dr. Baptista Sousa e 12.166 no Hospital Dr. Agostinho Neto. Acerca dos partos, verificou-se 10.145 partos assistidos por profissionais qualificados , médicos e enfermeiros. 2.559 foi o número de óbitos registrados sendo 27% de doenças do aparelho circulatório, 14,8% de tumores ou neoplasias, 10,5% de afecções respiratórias e 47,7% de outras causas.

A respeito da Educação em Cabo Verde um artigo publicado pelo Ministério da Educação explica:

O ensino básico com um total de seis anos de escolaridade é organizado em três fases, cada uma das quais com dois anos de duração. A primeira fase abrange actividades com finalidade propedêutica e de iniciação, a segunda fase é de formação geral, visando a terceira fase o alargamento e o aprofundamento dos conteúdos em ordem a elevar o nível de instrução.

O ensino secundário destina-se a possibilitar a aquisição das bases científico tecnológicas e culturais necessárias ao prosseguimento de estudos e ao ingresso na vida activa e, em particular, permite pelas vias técnicas e artísticas a aquisição de qualificações profissionais para a inserção no mercado de trabalho. Este nível de ensino tem a duração de seis anos, organizando-se em 3 ciclos de 2 anos cada: um 1º ciclo ou Tronco Comum; um 2º ciclo com uma via geral e uma via técnica; um 3º ciclo de especialização, quer para a via geral, quer para a via técnica.

O ensino médio tem natureza profissionalizante, visando a formação de quadros médios em domínios específicos do conhecimento.

O ensino superior compreende o ensino universitário e o ensino politécnico visando assegurar uma preparação científica, cultural e técnica, de nível superior que habilite para o exercício de actividades profissionais e culturais e fomenta o desenvolvimento das capacidades de concepção, de inovação e de análise crítica. (MINIEDU)

Além das modalidades descritas acima, a Lei de Bases prevê ainda modalidades especiais de ensino, relacionadas com a educação especial, a educação para crianças superdotadas e também o ensino a distância. Fala-se ainda em educação extraescolar que compreende dois níveis: a educação básica de adultos que contempla a alfabetização, a pós-alfabetização e outras ações de educação permanente que visam promover a elevação do nível cultural; as ações de formação profissional, o que chamamos de formação continuada para o

exercício de uma profissão. Vejamos agora como a literatura integra o panorama cultural do país.

1.2 A literatura em Cabo-Verde

Sabe-se que a literatura é sublimemente capaz de exteriorizar os sentimentos de um escritor e revelar e denunciar a realidade. Por isso, a afirmação da identidade cultural cabo-verdiana está intimamente ligada à sua história literária. .

A identidade crioula construiu-se e veiculou-se pela literatura, pois a literatura foi utilizada como arma de combate na guerra em busca da conquista dessa identidade, com grandes produções que transmitiam a sua ideia de identidade cultural e nacional, lembrando que sua independência só aconteceu em 5 de julho de 1975.

Segundo o escritor estudado Manuel Brito-Semedo numa matéria publicada no blog Apontamentos de História, o processo de construção da identidade cabo-verdiana está vinculado a características sociais e políticas diferentes, e divide-se em três fases distintas: 1ª) Fase do sentimento nativista, 2ª) Fase da consciência regionalista, 3ª) Fase da afirmação nacionalista. Vejamos como Brito-Semedo caracterizou essas fases.

A 1ª fase foi a do sentimento nativista (1856 a 1932) que defendia a cultura nacional, seu espaço geográfico e cultural e, conseqüentemente, a identidade cabo-verdiana, porém o intuito de reivindicar a cidadania portuguesa para os nativos do arquipélago lhe conferia um caráter contraditório. As publicações literárias evidenciaram a ideia de identidade, que se manifestava num duplo sentido, já que defendiam Cabo Verde com as suas particularidades ao tempo em que também identificavam-se como portugueses. Naquele período, houve a tentativa de colocar em evidência uma identidade própria através da criação dos mitos que explicavam o surgimento das ilhas, porém não foi suficiente e acabou instaurando-se essa identidade ambígua. Observemos o poema de Eugénio Tavares que aborda essa questão.

PARTINDO

Triste, por te deixar, de manhãzinha
Desci ao porto. E logo, asas ao vento,
Fomos singrando, sob um céu cinzento,
Como, num ar de chuva, uma andorinha.

Olhos na Ilha eu vi, amiga minha,
A pouco e pouco, num decréscimo,

Fugir o Lar, perder-se num momento
A montanha em que o nosso amor se aninha.

Nada pergunto; nem quero saber
Aonde vou: se voltarei sequer;
Quanto, em ventura ou lágrimas, me espera

Apenas sei, ó minha Primavera,
Que tu me ficas lagrimosa e triste.
E que sem ti a Luz já não existe.
(TAVARES, 2009²)

A 2ª fase foi a da consciência regionalista, fruto de uma nova geração de intelectuais, que ficou conhecida como geração dos Claridosos, por terem fundado a revista *Claridade* em 1936, no Mindelo, em São Vicente. O grupo formado por Baltazar Lopes da Silva, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, entre outros tinham como premissa defender os problemas de Cabo Verde e tratar dos aspectos ligados às condições de vida dos cabo-verdianos com o lema de fincar os pés na terra através da valorização do espaço geográfico, da história, do povo e da cultura cabo-verdiana como forma de afirmar a identidade cabo-verdiana diante das imposições de Portugal. Vejamos um poema de Jorge Barbosa que traz o problema da seca que assola as ilhas.

CASEBRE

Foi a estiagem

E o silêncio depois

Nem sinal de planta
nem restos de árvore
no cenário ressequido da planície.

O casebre apenas
de pedra solta
e uma lembrança aflitiva

O teto de palha
levou-o
a fúria do sueste.

Sem batentes
as portas e as janelas
ficaram escancaradas

² O ano de 2009 refere-se à data da publicação do artigo sobre Eugénio Tavares no site www.antoniomiranda.com.br acessado em 20 de fevereiro de 2018

para aquela desolação.

Foi a estiagem que passou.

[...]

Tão silenciosa a tragédia das secas nestas ilhas!

Nem gritos nem alarme

— somente o jeito passivo de morrer!

No quintal do casebre

três pedras juntas

três pedras queimadas

que há muito não serviram.

E o arco do ferro do menino

com a vareta ainda presa.

(BARBOSA, 1991, p.165)

Além disso, os claridosos evidenciavam a origem mestiça do povo cabo-verdiano e engrandeciam as características do homem português presentes no homem cabo-verdiano em seu comportamento, cotidiano e conduta. Os principais representantes deste período foram; Jorge Barbosa, Baltazar Lopes da Silva, Manuel Lopes, João Lopes, Jaime Figueiredo, António Nunes, entre outros.

A 3ª fase foi de afirmação nacionalista (1958 até 1975) e se implantou depois de um período de aproximadamente três décadas (1936-1962), quando finalmente aconteceu a transição do regionalismo ao nacionalismo cabo-verdiano. O conceito de regionalismo resume-se naquilo que se considera o “fincar os pés na terra cabo-verdiana”, o que significava debruçar-se sobre os problemas de Cabo Verde e das condições de vida do seu povo. A terceira fase trouxe um novo discurso identitário, pois se refutavam os posicionamentos dos claridosos, defendiam-se as raízes africanas e a ligação intrínseca entre o arquipélago e o continente, formando uma consciência regionalista que trazia de volta a africanidade daquele povo e rejeitava a cultura dos colonizadores. Desta forma, os autores defendiam e exaltavam a dignidade e os direitos do homem negro bem como a especificidade da identidade cultural do povo cabo-verdiano, que constituía uma nação específica e diferente da nação portuguesa. O grupo fomentava a luta pelo direito a liberdade e a independência da nação cabo-verdiana e teve como principais representantes grandes personalidades como: Amílcar Cabral, Onésimo Silveira, Felisberto Vieira Lopes, Aguinaldo Fonseca, Ovídio Martins, Gabriel Mariano, entre outros. Vejamos um poema de Onésimo Silveira que destaca o sentimento de africanidade e o desejo de liberdade, chama de “Hora Grande”.

HORA GRANDE

1

O mar sairá
Das nossas ilhas
Das nossas ruas
Das nossas casas
Das nossas almas...

O mar irá para o mar
E limpos finalmente do lodo das algas
E libertos do sal do nosso sorriso de enteados
Seremos frutos de nós mesmos
Nascendo da barriga negra da terra...

2

Os náufragos
Do lago da nossa quietação
Erguerão os seus braços de todas as cores
E as suas mãos se fartarão
Da luz de um poente maduro!

O negreiro estará perdido na légua do tempo
Porque a alma das nossas vozes
Não morrerá no fundo dos porões...

A fome não se alimentará da fome
E voaremos nas asas do Sol
Com o destino na palma da mão!

3

Nas feridas do seu parto
As raízes do nosso umbigo beberão a seiva
E no ventre da "mamã-terra"

Germinarão as sementes das nossas certezas
E nos embriagaremos da carne dos seus frutos...

As crianças nascerão sem metas nos olhos
E as suas mãos sujar-se-ão
Do mel do nosso olhar...

As crianças serão crianças!
Negras e loiras e brancas
Serão pétalas da mesma flor...

(SILVEIRA,1962) ³

Observemos como Ramalho em “*A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal*” se refere a essa fase:

A revista *Certeza* (1944), por sua vez, teve um caráter mais social, oriundo provavelmente da própria vivência da guerra que assolava o mundo: a Segunda Guerra Mundial. Ligados à *Certeza* estão os nomes de Nuno Miranda, Arnaldo França, Guilherme Rocheteau, José Spencer, Orlanda Amarílis, Filinto Menezes e outros. O *Suplemento Cultural* (1958), em seu único número, reuniu Ovídio Martins, Onésimo Silveira, Francisco Lopes, Aguinaldo Fonseca, Terêncio Anahory e Gabriel Mariano, além de outros. O grupo motivou-se pelo desejo de conquistar uma consciência nacional e pan-africana, libertadora da opressão colonialista e, ao mesmo tempo, insufladora de novas formas estéticas de criação. (RAMALHO, pág. 187, 2015)

A Geração da *Certeza* trouxe um modo diferente de fazer literatura em Cabo Verde, dando voz às problemáticas que envolviam as ilhas: o isolamento das ilhas na perspectiva da circulação de novos conhecimento, a falta de trabalho, a prostituição, a opressão. O objetivo dessa geração era fazer o homem cabo-verdiano acreditar em sua terra e sentir desejo de lutar por sua independência.

Os comentários de Brito-Semedo, publicados no blog, a respeito da história da literatura cabo-verdiana dividem-na em três fases, mas achamos por bem dar continuidade a este estudo observando o que aconteceu depois deste período.

Entre 1958 e 1965 o *Suplemento Cultural* assume uma nova cabo-verdianidade, aceitando o patriarcado da *Claridade*, mas adotando uma nova postura, postura de revolta que questionava a realidade política daquele povo. O *Suplemento Cultural* foi impedido de sair às bancas pela censura colonialista, e por isso saiu apenas uma vez. Essa postura de combate traz nos textos ritmo e repetição no intuito de enfatizar a vontade de independência.

Na atualidade, a literatura de Cabo Verde passa por uma fase de contestação com intuito de se firmar, consolidando o sistema literário. Danny Spínola na obra “*Evocações*” escreve:

Alguém disse que Cabo Verde é um país de pedras e de poetas. Entretanto, é de se acrescentar: de emigrantes, também. Na verdade, esta afirmação está intimamente ligada à anterior, complementando-a, prontamente.

³ Poema retirado do site www.antoniomiranda.com.br em 19 de fevereiro de 2018

Tanto pedras como poetas constituem factores determinantes para o surgimento de emigrantes, pois, pedras indicam, por um lado, abundância de algo cujo valor não é indispensável à sobrevivência, e, por outro lado, pressupõe aridez, secura e desolação; e poetas, por seu turno, simbolizam o espírito de aventura do cabo-verdiano e do seu temperamento inquieto, cheio de ansiedade e de afã do mais além, de transpor este horizonte ilhéu tão pequeno, que nos estrangula e tolhe desejos e sonhos

...

E finalmente, convém dizer que há muito de positivo também na emigração, relativamente à vida social, pois, existem muitos emigrantes que conseguem estudar e elevar o seu nível de conhecimento, ao ponto de conseguirem melhores empregos e integração social. (2004, p.129)

A partir do que escreveu Spínola podemos perceber uma nova perspectiva dos elementos que contribuem para as produções literárias. Nesta contemporaneidade, um dos nomes que se destacam é o de Vera Duarte. Citaremos aqui um de seus poemas que expressam o *Desejo* de ver desabrochar uma nova realidade para sua terra.

DESEJOS

Queria ser um poema lindo
cheirando a terra
com sabor a cana

Queria ver morrer assassinado
um tempo de luto
de homens indignos

Queria desabrochar
— flor rubra —
do chão fecundado da terra
ver raiar a aurora transparente
ser r`beira d`julion
em tempo de são João
nos anos de fartura d`espiga d`midje

E ser
riso
flor
fragrante
em cânticos na manhã renovada
(DUARTE, 2009)⁴

⁴ Poema retirado do site www.antoniomiranda.com.br em 19 de fevereiro de 2018

Bem como Vera Duarte, Brito-Semedo também faz parte da literatura contemporânea, por isso veremos agora sua biografia e, em seguida, comentaremos sua obra.

2 SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

2.1 Bibliografia

Manuel Brito-Semedo nascido em 1952, é natural de Mindelo, São Vicente. É Doutor em Antropologia, com Especialidade em Etnologia, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (UNL). É professor universitário, membro fundador da Academia das Ciências e de Humanidades de Cabo Verde, da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa, da Cátedra Amílcar Cabral e da Associação de Escritores Cabo-verdianos.

É autor das obras :*Esquina do Tempo – Crónicas do Expresso das Ilhas*, Edição Expresso das Ilhas, 2017; *Na Esquina do Tempo – Crónicas de Mindelo*, Edições Ponto & Vírgula, 2014; *Na Esquina do Tempo – Crónicas de Díazá*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2009; *A Construção da Identidade Nacional – Análise da Imprensa entre 1877 e 1975*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006; *A Morna-Balada – O Legado de Renato Cardoso*, Instituto da Promoção Cultural, 1999, reeditado em 2008 pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro; *A Colocação dos Clíticos no Português em Maputo*, Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1997; e *Caboverdianamente Ensaando*, Vols. I e II, Ilhéu Editora, 1995 e 1998.

Participou da organização das obras: *Sôdad em 80 Poemas*, EME – Marketing & Eventos, 2017; *Jaime, Dramaturgo, Pintor e Ensaísta*, Livraria Pedro Cardoso, 2017; *100 Editoriais (2010-2017)*, Edições Expresso das Ilhas, 2017; *Contos e Bosquejos, de Guilherme Dantas*, Livraria Pedro Cardoso, 2016; *O Manduco*, Edição fac-similada do Jornal "O Manduco", Livraria Pedro Cardoso, 2016; *Investigação Científica e Integração Regional. Realidade e Perspectivas*, Instituto de África Ocidental, 2011; Pedro Cardoso: *Textos Jornalísticos e Literários – Parte I*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008; *Memórias dum Pobre Rapaz*, de Guilherme Dantas, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2007; e *Não há Sol que Morra na Sombra do Poente – Homenagem a Manuel Duarte*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006. E ainda prefaciou: *A Sexagésima Sétima Curvatura*, de Oswaldo Osório, Praia, 2008.

O autor foi escolhido para nosso estudo por sua autenticidade e singularidade no falar sobre sua nação. Nas palestras ministradas por ele, às quais pudemos assistir recentemente, percebemos tal amor e respeito à sua terra, a seu povo e seus costumes. Brito Semedo mostrou ser alguém que acredita no próximo e no futuro evolutivo das nações. Por esta positividade e por sua bravura e brandura, homenagearemos e estudaremos sua composição literária,

buscando reconhecer os elementos da cultura presentes em suas crônicas e suas percepções sobre a sociedade.

2.2 Entrevista

Entrevistar um escritor, além de uma forma de reconhecimento, pode nos proporcionar um aprofundamento no conhecimento de sua obra, bem como sua perspectiva de mundo. Por isso, achamos importante contatar Brito-Semedo para colocarmos algumas questões não só sobre suas obras, mas sobre sua história de vida e seu país. A entrevista aconteceu virtualmente e as perguntas foram elaboradas depois da decisão de estudar a obra *Esquina do Tempo*. O autor prontamente nos atendeu quando o contatamos por e-mail e aí está o que conseguimos recolher, através de perguntas simples mas repletas de curiosidade.

1. Quando percebeu que seu destino era ser escritor? Já começou escrevendo crônicas?

Sempre gostei do estudo e da escrita. Comecei a escrever para os periódicos da Igreja do Nazareno onde cheguei a ser Pastor por alguns anos. Depois, para os jornais sobre a literatura cabo-verdiana, mais em jeito de crônicas e de pequenas ensaios literários.

Enveredando pela via académica, vieram os artigos e os ensaios. É nessa altura, em 1995, que publiquei o meu primeiro livro, *Caboverdianamente Ensaando*, vol. I.

As crônicas vieram mais tarde. O primeiro conjunto de crônicas, *Na Esquina do Tempo – Crônicas de Diazá*, publicado em 2009, foi organizado a toque de caixa, em homenagem à minha mãe, que viria a falecer um mês depois da sua publicação. A partir daí criei o blogue homónimo (2010) para divulgar esse tipo de escrita que, por sinal, já deu origem a mais dois livros de crônicas – *Na Esquina do Tempo – Crônicas de Mindelo* (2014) e *Esquina do Tempo – Crônicas do Expresso das Ilhas* (2017) e rendeu duas colunas de jornal: *Esquina do Tempo* e *Falucho em Movimento*.

2. Seus personagens vêm sempre do cotidiano de Cabo Verde, por quê?

Sou muito ligado às origens, às coisas e às gentes simples da minha infância e adolescência, à minha ilha (São Vicente) e ao meu bairro, a minha Chã de Cemitério. E é sobre essas minhas vivências que falo e conto. É o meu jeito de homenagear essas pessoas e de fixar essas estórias.

3. Quanto tempo demorou para escrever este livro?

Demorou um ano. São crônicas que escrevi e que foram publicadas quinzenalmente no jornal semanário “Expresso das Ilhas”. Foram depois compiladas para sair em livro.

4. Sente que os cabo-verdianos têm os pés fincados na terra e rejeitam a cultura de seus colonizadores?

Cabo Verde é um país com 42 anos de idade (a nação cabo-verdiana, essa, é muito mais antiga) em que a média de idade da sua população é de cerca de 35 anos. Isso para dizer

que, a meu ver, a sua questão não se põe, até porque somos um povo crioulo, de mistura de duas culturas, a africana e a europeia.

5. O que você espera para a literatura cabo-verdiana no futuro?

A definição de uma política editorial e do livro, um sistema de distribuição no mercado interno, mais estudos académicos, um sistema de crítica literária, acções concertadas para sua internacionalização.

6. Como antropólogo e literato qual a sua perspectiva sobre a relação entre História e Literatura?

A História pode servir como fonte literária no sentido da sua ficção e da sua divulgação, sobretudo, das pequenas histórias locais, dos factos e das figuras mais populares.

7. Com essas duas fontes se desenrolam nas suas produções?

Sou muito focado na cultura popular e nas histórias locais e trabalho, sobretudo, com a recuperação das memórias.

8. Em boa parte de suas produções no início do texto há uma dedicatória, qual a importância de dedicar o texto a alguém?

É uma forma de homenagear as pessoas da nossa cultura e da nossa memória colectiva, muitas vezes esquecidas.

9. Qual a importância de incluir trechos em crioulo nas crônicas?

Tem muito a ver com o público para que escrevo e também para dar a cor local e regional do lugar de onde me situo e do qual falo.

10. Ainda sobre o crioulo, percebemos que o currículo das escolas não inclui o estudo da língua materna de Cabo Verde, qual a sua opinião sobre essa decisão?

Vivemos uma realidade cultural e sociolinguística em que temos duas línguas com funções e estatutos diferentes: a língua cabo-verdiana, língua materna, não oficial, que não é língua de ensino; e a língua portuguesa, língua oficial e de escolaridade. Na prática, a língua cabo-verdiana já é usada em situações da formalidade, mas apenas na oralidade.

É preciso que a língua cabo-verdiana seja tornada oficial, juntamente com o português, e que se ultrapasse a questão da sua escrita, processo que tem sido muito mal conduzido. É igualmente preciso que o português seja ensinado nas escolas com metodologia própria de uma língua segunda e que se defina um programa nacional de leitura.

11. Estabelecidas as relações Brasil-Cabo Verde como acha que uma nação pode contribuir a outra? O que deve o Brasil aprender com Cabo-Verde e vice e versa?

Defendo um estreitamento cultural e acadêmico entre os dois países, com livre circulação de artistas, escritores, docentes e alunos; e uma política de circulação de bens de cultura sem taxas alfandegárias ou com taxas baixas, principalmente de livros.

Antes de se falar em aprender um com o outro, é preciso conhecer esse outro. A verdade é que os nossos dois países conhecem-se muito mal.

A partir da entrevista, pudemos conhecer um pouco mais da história do autor, verificando que seus escritos só se iniciaram quando já estava na fase adulta. O fato de ter sido pastor também não nos era conhecido e isto certamente influi nos seus escritos.

É a partir da entrevista também que se corrobora aquilo que outrora falamos; que Brito-Semedo busca homenagear as personalidades de sua terra, objetivando, além das homenagens, deixar cada estória guardada na mente de quem as lê.

Pensamos na questão a respeito da rejeição dos colonizados quanto aos colonizadores a partir de uma conversa com outro escritor cabo-verdiano, Kaká Barbosa, quando lá estivemos. Aquele afirmou veementemente que os cabo-verdianos deveriam parar de importar tudo de Portugal. Quando colocada a questão para Brito-Semedo, ele não se mostrou de acordo com o posicionamento, afirmando que a questão nem havia de se pôr, já que o país é fruto de uma mistura.

Como o crioulo, embora seja a língua materna do país, não faz parte do currículo das escolas, questionamos a posição do escritor e percebemos sua total discordância. Ao contrário, Brito-Semedo defende a importância de dar ao crioulo cabo-verdiano todos os espaços que lhe são de direito.

2.3 O *expresso das ilhas*

Segundo as informações obtidas na página do próprio jornal, *O Expresso das Ilhas online*, este é um jornal de informação que independe de poderes políticos e econômicos, cuja linha editorial é orientada com rigor e seriedade, sem depender de qualquer ordem ideológica, política ou econômica.

O jornal fornece aos leitores elementos que permitem um melhor conhecimento e compreensão do mundo através das suas páginas internacionais, orientadas principalmente para assuntos relevantes da política e da economia internacional.

É um suporte que abre e mantém diálogo com seus leitores, de modo a criar espaços para as expressões de opinião. Desta forma, constitui-se um jornalismo de qualidade, sem sensacionalismo ou perseguições pessoais.

Os princípios do jornal afirmam que um jornalismo exigente, crítico e plural contribui para o aperfeiçoamento da democracia do país, por isso valoriza a liberdade, o pluralismo de ideias, a tolerância, a democracia, o Estado de Direito e o primado da lei, oferecendo aos leitores informações variadas e atendendo aos interesses do público. Assevera ainda que a participação e contribuição para o debate de questões nacionais, com autonomia, cria possibilidades de avanço na perspectiva de construção de uma sociedade aberta.

O jornal possui um site bem organizado e, pelo fato de a procura atender às necessidades do público, possui uma diversidade de matérias que falam de culinária, política, artistas, costumes e economia.

2.4 A obra

Esquina do tempo foi lançado em 2017. Ele reúne vários textos publicados no *Jornal Expresso das Ilhas*, um dos jornais semanários publicados em Cabo Verde, fundado em 1991 e com sede na ilha de Santiago. Cada crônica traz no final sua data de publicação.

Este é o terceiro livro da série *Esquina do Tempo*, projeto literário que nasceu em 2009. Seu início se deu com o lançamento do livro de crônicas que rememoravam a infância. Foi a obra *Crônicas de Diazá*. Em seguida, passou a ser blog e, posteriormente, surgiu o *Esquina do Tempo- Crônicas de Mindelo*.

O *Esquina do Tempo - Expresso das Ilhas* foi publicado com o intuito de não se deixar dispersar ou esquecer os escritos semanais do autor, que aborda temas tão diversos. Trata-se, portanto, de memórias, etnologia e histórias que enriquecem profundamente quem as lê.

No total são 35 crônicas que podem ser divididas em dois eixos, homenagens e memórias (coletivas ou individuais). No eixo das homenagens temos: “O Escravo de Evaristo d’Almeida”, “Chiquinho pelo seu 80.º Aniversário”, “O Manduco Volta a Zurzir”, “Oswaldo Osório, Construtor da Palavra”, “João Varela, O Poeta da Micadinaia”, “Cesária Évora, A Diva”, “Centenário do Liceu Nacional de Cabo Verde”, “Aurélio Gonçalves, Escritor da Alma Mindelense”, “Ovídio Martins, Poesia de Amor e de Luta”, “Os 80 anos da Claridade”, “Arquipélago de Jorge Barbosa anuncia Claridade”, “Ano de Eugênio Tavares, Baltasar Lopes e do Liceu Nacional, Guilherme Dantas”, “Escritores Cabo-verdianos são Trilingues”, “Escritor com Obra Completa”, “Os Sokols de Cabo Verde”, “Djosa. Terra, Pão & Mar”, “Prosas Soltas”, “As Ilhas do Meio do Mundo”, “Múrcia”, “Cabo Verde- 100 Poemas

Escolhidos”, “O Romance de Estreia de Eugénio Inocêncio e Jaime de Figueiredo”, “Claridoso Modernista”. Na entrevista Brito-Semedo afirma que é muito ligado às origens, às coisas e às gentes simples da infância e adolescência, à ilha (São Vicente) e ao bairro, a Chã de Cemitério. E é falando dessas vivências que homenageia as pessoas e fixa as estórias.

No eixo das memórias, temos “Dodidô, O Mindelense Brasileiro”, “A Praxe do Capacete de 40 Óne”, “O Rito do Guarda-Cabeça”, “M’nine-andejê e Ôme-de-stórias”, “A Saudade e a Morabeza Crioulas”, “Cavalin de Nossenhôr”, “Ramêde d’terra”, “Lugar de Homem é na Cozinha”, “Geninho, O Menino do Mar”, “Claridade”, “Fincar Âncora em Terra”, “São Vicente de Cara para o Futuro”, “Crónica para o Dia dos Namorados”, “Meu Avô Cabrêr” e “As Pirinhas-das-Ilha”.

O título *Esquina do Tempo* vem das memórias de infância do autor:

Era na ponta de esquina da Nha Teresa ou do Nhô Fonse, iluminada por um único poste público que dava uma luz amarelada e fraca, que, à noitinha, depois de comermos à pressa a nossa cachupa sepulkóde, nos reuníamos com os colegas e aprendíamos dos mais velhos, através das histórias do cinema, do maravilhoso e do fantástico. E tínhamos então gente boa a contar estórias, como Tchéta de Nhô Germano, Funhû de Nhô ‘Nton Bertôl, Lalela de Nha Liza e Lije de Nhô Fonse (BRITO-SEMEDO, 15 de fevereiro de 2010, *Blog Esquina do Tempo*).

Bem como no Brasil, em Cabo Verde também há os costumes de as crianças se reunirem para ouvir as contações de histórias e estórias dos mais velhos. Sabe-se que crianças adoram ouvir histórias e quando estas se tratam de histórias de terror que sempre soam tão verídicas recebem atenção redobrada. Desta forma, as esquinas tiveram uma função importante na formação de cada criança que aquele lugar frequentou já que foi ali que aconteceu um processo importantíssimo de socialização e transmissão de conhecimentos. Por isso, as esquinas, mais do que fazerem parte da memória exclusiva de Brito-Semedo, fazem parte de uma memória coletiva.

Assim, depois de tomar gosto por essas esquinas, pelas estórias e pelo desvendar de mistérios, o autor resolveu partir em busca de conhecimentos estudando a literatura e a etnologia de Cabo Verde. Decidiu então, incentivado por sua esposa, fazer o registro escrito de todas aquelas estórias que fizeram parte não só de sua vida, mas das de tantos outros meninos que viveram estes momentos tão singulares.

Brito-Semedo possui um blog que surgiu justamente da necessidade de divulgar as Crônicas de Diazá, que já foram publicadas em livro. O desejo veio, segundo o autor, da

vontade de fazer alguma diferença na blogosfera cabo-verdiana, já que a área cultural lhe parecia monótona.

O blog funcionou de 15 de fevereiro de 2010 até 18 de outubro de 2011. Com uma grande quantidade de visualizações, o *Na Esquina do Tempo* contou cerca de 120.000 visualizações. Percebendo esse sucesso do blog, suas atualizações foram cada vez mais periódicas e com temas variados, publicando pouco mais de 600 matérias nesse período, e, por seus temas variados, acabou conseguindo alcançar diversos públicos e o melhor mais do que visualizar, o público participava através de comentários (cerca de 1.200 comentários).

Durante o percurso de afirmação do blog, conquistou outros colaboradores que agregaram imagens e memórias ao suporte digital, enriquecendo ainda mais o blog e divulgando substancialmente a cultura de Cabo Verde.

Hoje, o *Na Esquina do Tempo* é um Magazine Cultural que possui publicações diárias, abordando diversos temas, porém todos dentro do eixo da Cultura, como, por exemplo, publicações envolvendo literatura, gastronomia, história, música, cinema, fotografia, pintura, língua materna, entre outros. Desta forma, o blog, proporciona conversas e debates de ideias a partir de interesses em comum ou não, partindo daquilo que outrora era desconhecido.

Na Esquina do Tempo conta atualmente com a parceria de colaboradores para a edição dos textos estando aberto, inclusive, para outras parcerias. Conta também com a participação fiel de seus leitores.

O blog disponibilizou, por exemplo, os oito volumes da obra *História Geral da África* que é um dos projetos editoriais mais importantes da UNESCO nos últimos trinta anos, um grande marco no processo de reconhecimento do patrimônio cultural da África, que ela permite compreender o desenvolvimento histórico dos povos africanos. A coleção foi produzida por mais de 350 especialistas das mais variadas áreas do conhecimento, sob a direção de um Comitê Científico Internacional formado por 39 intelectuais, 26 africanos.

Depois de observar os aspectos geográficos, culturais, históricos e literários de Cabo Verde, a seguir elencaremos especificamente as características que compõem a crônica como expressão literária.

3. A CRÔNICA

A etimologia do termo crônica vem da palavra grega *chronus*, que significa tempo. As autoras Flora Bender e Ilka Laurito(1993,p. 10-11) afirmam que hoje o termo crônica é usado para designar um gênero textual específico que permanece vinculado ao sentido etimológico:

(...) tanto em relação ao sentido tradicional do termo quanto em relação ao sentido moderno, é que a crônica, pela sua própria origem, está sempre ligada a idéia contida no radical do termo que a designa: assim, seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo (BENDER ; LAURITO. 1999,p.11).

Através dos tempos, o sentido da palavra “crônica” transformou-se. Até a Idade Média, crônica era quase um sinônimo de história. Os textos que então se chamavam de crônicas, ou cronicões, eram relatos detalhados de eventos, sem intenção de deixar registrados aspectos da realidade observada. Foi a partir do século XIX que o valor simbólico começou a instaurar-se, desprendendo-se um tanto do caráter informativo, à medida que os autores da literatura começaram a se interessar por este gênero.

Esse interesse aconteceu graças à expansão da imprensa e de uma forma de expressão escrita que surgiu na França, chamada de “folhetins” no Brasil. Estes integravam os jornais do século XIX e incluíam textos breves, escritos por autores muitas vezes já consagrados na literatura que teciam comentários sobre eventos. Com as novas participações, foi-se percebendo que, do acontecimento diário, surgiram novas óticas, utilizando uma linguagem especial que passeava entre o coloquial e o literário.

No Brasil, a crônica foi ganhando espaço até que chegou a ser considerada uma manifestação muito “brasileira”, ainda que possamos encontrar crônicas em outros países. Podemos citar alguns nomes de autores e autoras importantes que aderiram ao gênero, como José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, João do Rio, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Carlos Heitor Cony, Affonso Romano de Sant’ Anna, Marina Colasanti, Martha Medeiros, entre muitos e muitas.

Cândido afirma sobre a crônica que “o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca da oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e uma aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor” (1984, p.8). Desta forma, identificamos a crônica, sobretudo, por meio da linguagem simples muito próxima da coloquialidade. Além disso, a brevidade do texto, a apresentação de

aspectos da poesia e do conto, o tom intimista, por partir do cotidiano, e por geralmente a narração acontecer em primeira pessoa, tudo isso contribui para o reconhecimento do gênero.

No Brasil é como folhetim que a crônica surge no jornalismo, o espaço reservado era semanal e utilizado para o registro dos ocorridos dentro daquele período. Semelhantemente, Manuel Brito-Semedo também publicara suas crônicas semanalmente no jornal *Expresso das Ilhas* como folhetins.

A respeito do surgimento deste gênero, as autoras Bender e Laurito afirmam que a crônica é um gênero típico do Brasil. “No momento em que a imprensa brasileira se afirmou, os folhetins da França nela se aclimataram, floresceram e encontraram uma feição de tal maneira própria, que fez muitos críticos contemporâneos afirmarem que a crônica é um fenômeno literário brasileiro”, (BENDER ; LAURITO.1999, p.12). De acordo com Melo, a crônica no jornalismo mundial é um termo vinculado ao relato cronológico, à narração histórica:

No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países (MELO. 1985, p. 111).

Segundo as autoras Flora Bender e Ilka Laurito, o tom descontraído da crônica brasileira, tal qual uma roda de conversa, uma conversa de esquina, fez com que um toque brasileiro fosse acrescentado ao gênero:

Se fossemos comparar o gênero a um prato de comida, não seria, certamente, uma sofisticada iguaria de culinária francesa e sim a comida trivial, o arroz e feijão com picadinho e batata. Embora de origem estrangeira, aclimatou-se bem à nossa terra, assim como a cana-de-açúcar e o café. Não se pode dizer que seja um gênero exclusivamente brasileiro, mas tem o nosso sotaque e encontrou, aqui, nos nossos leitores e jornais, seu habitat ideal, (1999, p.45)

Segundo Luiz Beltrão , a crônica possui duas classificações:

1. Quanto à natureza do tema: • Crônica geral: é aquela com espaço fixo no jornal, onde o autor aborda assuntos variados. • Crônica local: também conhecida como “urbana”, trata dos temas cotidianos da cidade. • Crônica especializada: o autor, que é um “expert” no assunto, trata de assuntos referentes a um campo específico de atividade. 2. Quanto ao tratamento dado ao tema: • Analítica: nesta os fatos são expostos e dissecados de modo breve e objetivo; é dialética. • Sentimental: o autor apela à sensibilidade do leitor; os fatos comovem e influenciam a sensibilidade. • Satírico-humorística: critica, ironiza, ridiculariza fatos ou pessoas com a finalidade de advertir ou entreter o leitor; possui feição caricatural. (BELTRÃO,1980, P.68)

A obra de Manuel Brito-Semedo então poderia caracterizar-se como crônica local urbana, já que retrata os temas cotidianos da cidade e pensada de forma plural e coletiva.

Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se referiam às notícias, a sua principal preocupação é com ‘estórias’? Os jornalistas vêem os acontecimentos como ‘estória’ e as notícias são construídas a como “estórias”, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’ e narrativas passadas. (...) Poder-ia-se dizer que os jornalistas são modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea, parte de uma tradição mais longa que contar ‘estórias’ (TRAQUINA. 2004, p.21)

A crônica, por fundir Jornalismo e Literatura, possibilita uma liberdade de criação rica e muito peculiar justamente em consequência de sua natureza textual híbrida. O cronista consegue revelar uma leitura do mundo evidenciando sua opinião e suas posições diante de cada tema abordado. Por isso, assume papéis diversos perante a sociedade, já que ora atua como narrador-observador, ora como personagem. Como afirma Antônio Candido, no trecho a seguir, este é um gênero que está próximo de nós e serve de caminho para a vida e para a literatura.

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

“Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura, como dizem os quatro cronistas deste livro na linda introdução ao primeiro volume da série. Por meio dos assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CÂNDIDO, 191-4)⁵.

Os cenários são criados a partir da análise observada na cotidianidade da vida real. Geralmente as cenas retratam um espaço de tempo bem pequeno, como se o tempo de leitura

⁵ Publicado originalmente em *Para gostar de ler: crônicas*, vol. 5 (São Paulo, Ática, 1981-4) e reproduzido no livro *A crônica: O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, 1992.

de cada crônica fosse o tempo de tomar aquela xícara de café, como um momento de deleite. Por outro lado, em relação à linguagem da crônica, temos:

Definimos a crônica no espaço jornalístico como uma narrativa que tem independência estética e pode inscrever várias linguagens em seu espaço gráfico, não se limitando apenas aos preceitos da literatura ou do jornalismo (PEREIRA, p.170).

De acordo com o que afirma Pereira, a peculiaridade do cronista está sobretudo, na linguagem. A utilização da simplicidade do cotidiano, o uso das variações linguísticas, gírias e até mesmo palavras tornam a crônica imortal.

Não se pode analisar uma crônica sem ter em conta esse hibridismo, pois, mesmo com as características que percebemos facilmente, como brevidade, coloquialismo, diálogo com o leitor, humor e olhar para o cotidiano, é a literariedade que introduz um “quê” a mais, levando a crônica para outra dimensão, a dimensão poética, fazendo com que ela, mais do que relatar um fato corriqueiro, eleve-se ao patamar do simbólico.

É importante destacarmos a representatividade que emerge através da literatura, Fernandes afirma :

Ao encarar um novo universo literário, feito de perspectivas de análise que se interpelam, explorando infinitas possibilidades cognitivas, com formas de exploração poético-linguística, sem se pretender absoluto nem conciliador, falar-se-á de uma estética de encenação de acontecimentos e personagens históricas, numa história da multiplicidade, ao mesmo tempo que de numa ausência da totalidade estruturante porque a lógica dessa totalidade não parte das origens, não se conforma com as grandes distâncias temporais, pelo contrário, vai-se fundando no retrato do local, na exploração do sentido do corpo, na transformação da história pelo encontro com uma simbólica das alegorias de que escolhemos[...] (2012. p.77)

Sendo assim , as crônicas de Brito-Semedo fazem uma encenação da realidade, revelando seus grandes personagens fundindo o real com o simbólico.

Quanto à literariedade, esclarecemos que esta é a combinação intencional de signos literários, com o intuito de produzir no leitor um encontro prazeroso. Como afirmava Horácio, a literatura é o “dulce e utile ou seja, produtora de prazer e produtora de saber ou conhecimento” (MENEZES, 1993, p. 20) e isto implica evidenciarmos os três tipos de valores: “valor gramatical, de construção e sentido lógico, valor fonético, de som e ritmo, e valor estilístico, de emoção e qualidade espiritual” (MENEZES, 1993, p.14). Ou seja , o autor usa as palavras e os signos linguísticos com imaginação e poder.

Texto literário é aquele em que a comunicação não se opera e não atua ao nível só consciente, mas a outro nível, que podemos chamar simbólico, proveniente de e dirigindo-se ao inconsciente. É certo que o texto literário resulta de uma vontade de comunicação, mas o que o define é superior à vontade de comunicar, ou seja, a vontade e capacidade de significar.

A polissemia da língua permite que os textos trabalhem com diversas finalidades, transitando facilmente entre a comunicação objetiva e direta às expressões simbólicas que não se deseja comunicar imediatamente. Isso acontece a partir da atribuição de mais de um significado a uma palavra. Assim, podemos considerar a polissemia como um ponto de partida para a reflexão acerca do que chamamos de linguagem figurada, já que, no valor denotativo de um termo, há um sentido próprio, que é compreendido na medida em que se tem conhecimento do vocabulário de uma língua. Então, nesse “sentido próprio”, o significado atribuído a uma palavra no valor denotativo é compreendido sem necessidade de associações simbólicas. Enquanto isso, no “sentido figurado”, um valor conotativo provém dessas relações simbólicas e é a partir delas que pode ser compreendido. Daí, também, a justificativa pela qual relacionamos o valor denotativo ao que está no dicionário e o valor conotativo à literatura. É preciso que não consideremos estes valores como extremos opostos, como defende Ramalho:

Esse modo de ver as formas de construção do sentido tem, contudo, muitas limitações, porque assume que o valor denotativo não sugere simbologias e que o conotativo não pode ser assimilado sem associações simbólicas, sem considerar, todavia, que há uma instância de recepção que pode, muito bem, alterar essa visão simplista. Um exemplo disso é o uso inocente de palavras ou expressões que possuem o famoso “duplo sentido”. Se o emissor teve uma intenção objetiva ao selecionar determinada palavra ou expressão do código que usa, pode-se dizer que buscou o sentido próprio dessa palavra ou expressão, porém, o “sentido próprio” era aquele que o emissor compreendia como sentido direto. Se o valor polissêmico da mesma palavra ou expressão permitia outra compreensão, e, por isso, o receptor compreendeu de outra forma ou percebeu duplicidade de sentido, o tal “sentido próprio” ou denotativo se perdeu ou se desviou do formato que teria na fonte, ou seja, o emissor. Assim, o que seria pura denotação passou a ter valor conotativo. (2010 p.363).

Por isso, em vez de pensarmos que denotação e conotação são pontos extremos na construção de sentido do texto, podemos pensar no potencial sêmico e nos efeitos que cada um pode produzir nas situações comunicativas considerando as variações.

É certo que podemos estudar o sentido figurado isoladamente, construindo a construção de sentido premeditada pelo emissor no intuito de analisar como se dão essas

intenções simbólicas. Percebemos que, quanto mais conhecemos os processos de construção de sentido mais cabedal possuímos para atingir os efeitos desejados, e para isso consideramos o fato de que a recepção tenha acontecido efetivamente.

Dois casos específicos de construção de linguagem figurada são metáfora e metonímia. Entendemos metáfora como um desvio de sentido de uma palavra devido a uma relação de semelhança previamente estabelecida. Essa relação depende de um contexto intelectual e é extremamente subjetiva. Já a metonímia, conhecemos como o resultado de uma transferência de significado de uma palavra a outra por efeito de uma associação de ideias, por isso não ocorre por semelhança, mas por contexto em comum. Na crônica, esses recursos proporcionam um caráter simbólico permitem ao leitor ir além das temáticas mais superficiais e desenvolver senso crítico e estético.

Para observarmos melhor os aspectos que constituem uma crônica, é necessário que haja uma análise interpretativa, e assim faremos no capítulo a seguir.

4. ANÁLISE LITERÁRIA

Nossa análise se baseará em 4 crônicas da obra de Brito-Semedo *Esquina do Tempo*. O corpus foi escolhido depois de uma leitura prévia da obra, identificando os diferentes temas abordados, mas com uma estrutura semelhante bem como a literariedade na descrição dos fatos (memórias). Nosso objetivo é reconhecer os aspectos culturais no que diz respeito a cabo-verdianidade presentes na obra e a forma como é colocada dentro do texto. Verificaremos os aspectos que se repetem nelas, mas não no intuito de resumir a grandiosidade do autor. Analisaremos as crônicas: “Dôdidô, o Mindelense Brasileiro”, “A Saudade e a Morabeza Crioulas”, “Lugar de Homem é na Cozinha” e “Geninho, O Menino do Mar”.

Adiantamos que alguns aspectos se repetem nas produções de Semedo tais como; iniciar o texto dedicando-o a alguém; apresentar no final do texto as indicações de significado denotando uma preocupação para com o leitor, de forma que ele compreenda o texto por completo, e que nenhuma informação fique dispersa; iniciar boa parte dos textos com um poema, tornando seu texto ainda mais híbrido. A narração em suas crônicas ora é feita através de um narrador-observador, ora por um narrador-personagem.

Todas as crônicas escolhidas puderam ser divididas em três momentos; no primeiro momento é introduzido o fato do cotidiano que será abordado; no segundo momento, acontece uma ampliação do fato do cotidiano para uma análise dos dramas humanos, e no terceiro e último momento acontece a conclusão e o retorno ao fato cotidiano citado no início do texto.

Partindo dessa estruturação de leitura, faremos a descrição de cada crônica levando em consideração cada um desses três momentos observados.

Brito-Semedo como antropólogo e literato acredita que a História pode servir como fonte literária, desta forma, as crônicas vão mostrar a possibilidade de ficção por meio das pequenas histórias, dos fatos e de figuras populares. Então além de ficcionalizar o autor transforma a ficção em memória.

A crônica “Dôdidô, o Mindelense Brasileiro” exemplifica essa transformação do fato ocorrido em memória, pois tem como cenário Mindelo, uma das cidades mais importantes de Cabo Verde. A crônica aborda o tema carnaval fazendo uma comparação entre o carnaval do Rio de Janeiro e o carnaval do Mindelo. Que, como fora constatado no capítulo inicial desta pesquisa, tem grandes semelhanças com o carnaval brasileiro, daí então a participação de um brasileiro na construção acidentalmente.

Depois da exposição do tema parte-se para a ampliação, quando o narrador-personagem, (confirme-se em : “Mas deixem-me encostar aqui na Esquina do Tempo, e eu conto tudo... tintim por tintim...”, 2017,p. 22) , narra a história de Nhô José Brasileiro que, depois de viver boa parte de sua vida no Brasil parte para Cabo Verde, mas, com muito sotaque do português do Brasil, deliciava os mindelenses com expressões e frases engraçadas.

Quando morre o filho de Nhô José Brasileiro e ele tenta providenciar material para o caixão de seu filho, sua fala : “-Dô di dô, dô di quá e parafû di polegá [Dois de dois e dois de quatro e parafusos de polegada] espalha a história pela ilha e acaba sendo tema de marchinha de um grupo carnavalesco, temos então o retorno ao fato primeiro.

Desta forma, confirmamos o que afirmou Danny Spínola, citado no segundo capítulo, sobre a importância dos emigrantes nas produções literárias. “Alguém disse que Cabo Verde é um país de pedras e de poetas. Entretanto, é de se acrescentar: de emigrantes, também. Na verdade, esta afirmação está intimamente ligada à anterior, complementando-a, prontamente.” (2004. P.129) A saída de Nhô José para o Brasil acabou acrescentando à cultura cabo-verdiana um humor delicioso, embora tenha surgido de um momento tão triste, por conta do sotaque modificado pela emigração. Este fator tão bem destacado por Brito-Semedo mostra a construção da identidade do povo cabo-verdiano através da miscigenação como explica Hall:

Acredito que a afirmação dos cabo-verdianos da identidade mestiça, híbrida, “aberta para o mundo”, além de ser afirmada como condição de existência, resultado da miscigenação, pode ser considerada uma marca identitária política estratégica e especificidade criativa usada para se fazerem ouvir e se inserir no mundo globalizado (2002)

A linguagem coloquial, presente no gênero, como se afirmou, se revela em “Dôdidô, o Mindelense Brasileiro”, a exemplo do trecho que conclui a crônica:

Foi ainda por muito tempo que o grupo da Ribeira Bote animou o Carnaval de São Vicente ao som de “Dô di dô, dô di quâ, parafû di polegá”, até aparecer o Grupo dos Mandingas. Mas essa já é outra estória e contas de outro rosário (p. 23).

Ainda empregando o narrador-personagem e nesta mesma perspectiva de três fases do texto, temos a crônica “Lugar de Homem é na Cozinha”, escolhida por ter um tema sugestivo que mesmo escrita por um homem de família tradicional, Brito-Semedo, rebate o discurso patriarcal veementemente. Seu primeiro momento apresenta o fato de que agora os homens se sentem à vontade na cozinha desconstruindo o conceito de que a mulher seja a responsável por esse cômodo. A partir daí, o autor amplia a discussão do tema e coloca algumas falas de personagens femininas para provar o quão satisfatório é para as mulheres que os homens sirvam-nas também.

A primeira, esposa do narrador, diz: “Esperei tanto tempo [quase vinte anos!] para ter o prazer de cozinhares para mim”, e a segunda, uma amiga de infância, afirma, depois de ser questionada há quanto tempo um homem não cozinhava para ela, “Pergunta-me antes é se alguma vez um homem cozinhou para mim!”. Chegamos então claramente à segunda fase do texto, uma vez que o texto revela o drama de mulheres que passam toda a vida cozinhando para seus esposos, numa reprodução do discurso patriarcal.

Ainda no âmbito da ampliação, há uma crítica enfática ao povo cabo-verdiano, através de um questionamento: “Será que o homem cabo-verdiano, imitador nato e cada vez mais globalizado, está a acompanhar Cabo Verde no seu estatuto de (PDM) País de Desenvolvimento Médio, enfrentando uma nova fase, à qual cozinhar é sua parte mais desafiadora?”. A expressão “imitador nato” tem uma carga de desaprovação bem veemente, uma vez que encontramos em Cabo Verde muitos costumes importados de grandes potências, como os Estados Unidos.

Depois de lançar a pergunta e colocar em questão o patriotismo do homem de Cabo-Verde, bem como o discurso patriarcal, revela-se a terceira fase do texto: a retomada da indicação inicial com a resposta da pergunta feita anteriormente, dizendo: “Homens, não se esqueçam: gastrossexual é que está a dar! As mulheres que o digam!”. Confirmando o que apontamos no capítulo anterior sobre a linguagem conotativa onde destacamos que somente a partir das relações simbólicas é que a linguagem conotativa pode ser compreendida. O uso da expressão “está a dar” só constitui sentido a partir de uma leitura de mundo e revela seu

sentido de “é o que está no auge”. Desse modo, o autor, mais do que uma resposta, dá um conselho ao público masculino para que deixe essa ideia de hegemonia de lado e aproveite momentos deliciosos literal e emocionalmente.

Outra crônica selecionada foi : “A Saudade e a Morabeza Crioulas”. A morabeza crioula é o fato cotidiano abordado na crônica, elemento de suma importância para o povo cabo-verdiano. Por isso escolhemos essa crônica, para evidenciar um fator que mais do que caracterizar pode distinguir esse povo.

A narração desta vez é feita através de um narrador-observador que denota a profunda admiração sobre o tema abordado, há inclusive um dado momento em que o narrador descreve a forma como deve ser enunciado o termo morabeza:

A saudade e a morabeza (a vogal da sílaba tônica é para ser lida de forma aberta) podem ser consideradas como o verso e o reverso do mesmo sentimento que melhor caracteriza e identifica o homem cabo-verdiano, ser expansivo e de trato fácil. (p. 44)

A ampliação do tema se dá, desta vez, através da justificativa desse tratamento ‘morábi’ constante, que, segundo o autor, acontece por conta da distância, da saudade que os cabo-verdianos sentem, já que estão habituados a ver chegar e partir muita gente, (inclusive os seus) em busca de melhores condições de vida. Segundo Ramalho, “Também fruto do processo de mestiçagem, a ‘morabeza cabo-verdiana’ constitui uma espécie de “retrato” do caráter do povo cabo-verdiano, assim como a ‘cordialidade’ retrata o brasileiro” (2017 p 170).

Assim, o narrador resume a morabeza como a forma como o cabo-verdiano gostaria de ser recebido. Depois de ressaltar este aspecto, o texto é concluído com a afirmação de que a morabeza é a forma que o cabo-verdiano tem de estar no mundo e isto realmente é único e encantador, corroborando o que foi dito por Ramalho.

Essa crônica revela a identidade cultural alimentada pela literatura e desta forma conseguimos reconhecer a cabo-verdianidade que emerge do texto para o leitor. O texto acontece de tal modo que a escritura se faz peculiar.

Como um grande admirador do compositor, dramaturgo, ficcionista e jornalista Eugênio Tavares, Manuel Brito-Semedo escreve uma crônica a respeito de uma lenda que surgiu na tentativa de explicar o nascimento de Eugênio e sua chegada às pequenas ilhas. Nesta crônica o autor emprega o narrador-observador para desenrolar a história. E essa narração acontece como por um contador de histórias, não só pela figura textual, mas pela postura diante do que é narrado. Associa-se a essa preocupação uma necessidade constante de o homem crioulo se afirmar e de reformular a sua identidade num cenário de apagamento da memória e busca para reformulação através da reminiscência e do testemunho.

Conta-se que alguns homens que saíram para pescar à noite perceberam que algo flutuava no mar. Resolveram verificar mais de perto e encontraram destroços de um barco que tinha naufragado e um baú.

De dentro do baú vinha um choro. Resgataram o baú e quando abriram era realmente uma criança, um menino, que chorava bastante. Levaram-no até Nha Tuda, que alimentou o bebê enquanto cantava uma canção de ninar. A criança foi adotada por um médico que não havia tido filhos. Muito estudioso, o menino Eugênio gostava de ler e mais tarde tornou-se escritor, homenageando, inclusive, através de sua escrita, aquela que o acalentou ao chegar na ilha. O texto é finalizado com uma colocação a respeito do poema escrito por Eugênio Tavares, que fora publicado em 1885 no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiras*:

Badinha

Um dia caíra em teu níveo seio
desmaiado botão,
que d'uma linda roseira arrancara
violento tufão.
As tuas carícias deram-lhe a vida,
e o anélito teu
foi o bálsamo que deu força, alento
ao débil peito seu!
E a carmínia bonita transformou-se
rapidamente em flor,
que se esforça por derramar a jorros
reconhecido odor!
O imaculado anjo da caridade,
que do Olimpo desceu,
és tu! E a flor, que, meiga e carinhosa,
embalaste, sou eu!
(p. 108-9)

Percebemos a paixão do autor ao escrever os seus textos a partir de cada aspecto, desde a linguagem simples à utilização de trechos em crioulo como forma de valorizar aquilo que pertence a seu povo. Vejamos num trecho da crônica “Lugar de Homem é na Cozinha” : “ – Hum!... Sábe, sabin d'munde!” p. 40

Manuel Brito-Semedo , na entrevista, afirma que a dedicatória “É uma forma de homenagear as pessoas da nossa cultura e da nossa memória colectiva, muitas vezes esquecidas”. Desta forma comprova-se que ele utiliza as dedicatórias como forma de prestar homenagens. As crônicas “Dôdidô, O Mindelense Brasileiro” e “Geninho, O Menino do Mar” possuem curtas dedicatórias. A primeira citada : “Ao Amigo Humbertona, uma fonte de

memórias” e a segunda: “ Estória para as minhas netas Liana, Nicole e Aliyah”. É importante considerar as dedicatórias, pois, mais do que protocolos de cordialidade e evidências de afetos, admirações, são partes integrantes dos livros. Neste caso, de cada crônica, pois elas vão além do simples autógrafo ou da homenagem à pessoa que receberá a obra e acabam contando de forma implícita uma história que antecedeu a história que será contada. Desta forma, essa metalinguagem literária das dedicatórias confere mais valor e mais sabor às obras.

Seguindo a sua trajetória, é possível perceber que Brito-Semedo usou o ato de dedicar textos como parte da estratégia de constituição de suas redes de sociabilidades pessoais e institucionais, já que demonstra tanto afeto por aqueles a quem oferece as histórias e as estórias. Suas dedicatórias são sempre a alguém que fez parte de sua socialização e formação, talvez como uma forma de agradecimento por aquelas pessoas despertarem e fomentarem o escritor que outrora esteve quieto.

De acordo com o que falamos anteriormente sobre a linguagem utilizada no gênero crônica, aproximada da coloquialidade e com tom intimista, percebemos no discurso de Brito-Semedo esses mesmos recursos e além disso a utilização de trechos em crioulo corroboram a presença do amor pela terra, segundo o autor na entrevista, isso tem muito a ver com o público para quem escreve e também para dar a cor local e regional do lugar de onde se situa e do qual fala.

Vejamos no trecho::

Chega! Se quiserem saber mais, façam o favor de ler as estórias, que não foi isso o combinado. Antes de terminar, proponho um brinde e um triplo viva: - Viva Tchalê! Viva mi! Viva nós tud! (p. 43)

Concluindo, percebemos a partir da leitura da obra de Brito-Semedo, a importância do registro do cotidiano através das crônicas, como afirmou Antônio Cândido, um gênero tão próximo de nós. A leveza da linguagem, a beleza da descrição , a sensibilidade das histórias que marcam vidas, encantam e fazem rugir os sonhos de um homem, de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Singelos “pedacinhos de terra” cheios de calor humano, de simpatia e beleza revelados a partir da obra de Manuel Brito-Semedo. Este é o reconhecimento, em vida, de um autor que contribui imensamente para a consolidação da literatura Cabo-Verdiana. Alguém que tem orgulho de seu povo e de sua terra e resolve retratá-los de forma tão bela por meio da simplicidade de suas palavras.

A obra *Esquina do Tempo* é um encontro real com Cabo Verde em seu cotidiano, sem enfeites ou sobreposições, é Cabo Verde sem maquiagens. Sua cultura, seus costumes e as personalidades que contribuíram de alguma forma para o amadurecimento do âmbito cultural do país estão presentes no livro. Por isso, afirmamos que ler as crônicas de Brito-Semedo é viajar pelas ilhas de Cabo Verde conhecendo e se apaixonando por cada canto.

A crônica, fundindo Jornalismo e Literatura, permite criações singulares como as de Brito-Semedo. Em *Esquina do Tempo*, o autor coloca a sua visão a respeito da realidade social e, por tanto observar, assume um papel importante na valorização da sociedade. Fica ainda a necessidade de se estudarem e analisarem as outras tantas crônicas escritas por este grande autor. Elas certamente merecem grande atenção.

Conforme afirmou Traquina, Brito-Semedo é um moderno contador de “estórias” da sociedade contemporânea, que parte de uma tradição mais longa que contar ‘estórias’. E através de suas estórias constatamos sua sensibilidade em registrar o que lhe ocorre, registrando aquilo que é memória não só individual, mas coletiva também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Rogério Andrade. *No ritmo dos tantãs; antologia poética dos países africanos de língua portuguesa*; Brasília: Thesaurus, 1991. 165 p.

BARBOSA, Rogério Andrade. *No ritmo dos tantãs; antologia poética dos países africanos de língua portuguesa*; Brasília: Thesaurus, 1991. 165 p

BELTRÃO, L. *Iniciação à filosofia do Jornalismo*. São Paulo: Edusp, 1992.

BENDER, Flora Cristina; LAURITO, Ilka Brunhilde. *Crônica – História, Teoria E Prática*. São Paulo: Ed. Scipione. Col. Margens do texto, 1993.

CANDIDO, Antonio. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil* / Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992

CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1984. v. 5, Prefácio.

Estrutura e organização do sistema educativo vigente. Disponível em: http://www.minedu.gov.cv/index.php?option=com_content&view=article&id=92&Itemid=568

Eugênio Tavares. 2009. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/cabo_verde/eugenio_tavares.html

FERNANDES, Maria de Fátima. *Revista ContraPonto*, Belo Horizonte. 2012

FILHO, João Lopes. *Cabo Verde- Retalhos do Quotidiano*. Lisboa. Editorial Caminho. 1995

Geração da Certeza. Disponível em : [https://www.infopedia.pt/\\$geracao-da-certeza](https://www.infopedia.pt/$geracao-da-certeza)

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde – Literatura em chão de cultura*. Cotia: Ateliê; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008

Instituto Nacional de Estatística Cabo Verde. Ministério da Saúde e da Segurança Social. Disponível em: http://ine.cv/wp-content/uploads/2017/04/dados-saude_.pdf. 7 de abril de 2017

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

Literatura cabo-verdiana e afirmação da cultura cabo-verdiana. Disponível em: <https://antoniocv.wordpress.com/2017/01/24/literatura-cabo-verdiana-e-afirmacao-da-cultura-cabo-verdiana/>

MARIANO, Gabriel. *Cultura caboverdeana: ensaios*. Lisboa: Vega, 1991.

MELO, José Marques de. A Crônica. In: _____. *Jornalismo Opinativo – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003, p. 148-162

MENEZES, Salvato Telles de, *O que É a Literatura*, Lisboa, Difusão Cultural, 1993

Onésimo da Silveira. 2009. Disponível em:
http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/cabo_verde/onesimo_silveira.html

Para gostar de ler: crônicas, vol. 5 (São Paulo, Ática, 1981-4) e reproduzido no livro *A crônica: O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, 1992.

PEREIRA, Dulce. 1992. “*Crioulos de Base Portuguesa*”. In A. L. Ferronha, E. Lourenço, J. Mattoso, A. C. Medeiros, R. Marquilhas, M. Barros Ferreira, M. Bettencourt, R. M. Loureiro, D. Pereira, *Atlas da Língua Portuguesa*. Lisboa. Imprensa Nacional, Comissão Nacional para os Descobrimentos, União Latina. 120-125.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso*. Salvador: Calandra, 2004.

RAMALHO, Christina. *A Literariedade Da Crônica De Rubem Braga*. Interdisciplinar Revista de Estudos em Língua e Literatura 2010

RAMALHO, Christina. *A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal / 2ª ed. modificada. 1ª. ed. e-book*. Christina Ramalho, Natal/RN: Lucgraf, 2017

SEMEDO, Manuel Brito. *As esquinas das estórias*. 2010 Disponível em : <http://brito-sembodo.blogs.sapo.cv/1182.html> O gênero Crônica Jornalística.

SEMEDO, Manuel Brito .1952 – *Esquina do Tempo – Crônicas do Expresso das Ilhas*. Praia: Editora Expresso das Ilhas

SPÍNOLA. Danny. *Evocações . Volume I. Uma coletânea de textos, apontamentos, reportagens e entrevistas à volta da cultura cabo-verdiana*. 2004

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis - SC: Insular, 2004.